



| CRÓNICAS DO EXÍLIO |

Abrir as hostilidades com um tiro de canhão

RUI BAPTISTA | Jornalista | opiniao@grandepor.toonline.pt

O Presidente da República fez o pleno: desagrudou a todos com a declaração de terça-feira. O PSD não lhe perdoa o silêncio durante a campanha sobre a questão da suposta vigilância a Belém. Para os sociais-democratas o Presidente falou tarde e não foi claro. Já o PS

e o seu secretário-geral foram alvo de um ataque institucional inesperado.

O Presidente até poder ter as suas razões de queixa, mas a solenidade do cargo não se coaduna com aquele tipo de declaração.

Cavaco Silva não se limitou a desagrudar. De-

siludiu. Desiludiu aqueles que se habituaram a ver nele um referencial de estabilidade e de bom senso. Esperava-se do Presidente uma pose de estadista, mas afinal deixou que o arrasassem para o palco da pequena política. E o pior desta história é que fica a sen-

sação de que o Presidente quis corrigir um erro com um erro ainda maior.

Já se sabia que este período eleitoral ia ser complicado. Neste mesmo local advertiu-se para o perigo de uma crise dentro da crise. O que julgo que ninguém esperava é que fosse o mais

alto magistrado da Nação a abrir as hostilidades com um tiro de canhão.

Quanto mais cedo o Presidente da República começar a ouvir os partidos para dar cumprimento à Constituição, mais depressa as coisas começam a voltar à normalidade. Nos

meses que se aproximam, só o respeito escrupuloso pela Lei fundamental pode evitar que a brecha aberta terça-feira engula o país. Compete aos partidos, todos, ajudar o Presidente a terminar com dignidade este primeiro mandato. Depois se verá.

NORTEGLOBAL

David Bonneville estreia-se na escrita de longas-metragens com filme sobre epidemia

Cinema → Portuense vive em Londres e multiplica-se no trabalho de realização, argumento e assistência de produção

PEDRO JOSÉ BARRROS
pedro.barrros@grandepor.toonline.pt

Sempre pendeu para o lado artístico da vida. Em miúdo desenhava “sem parar”. Encenava teatros e gostava muito dos marretas. “Eram os meus companheiros de tudo. Esburacava os bonecos, tirava-lhes o algodão, enfiava a mão e fazia deles marionetas: tenho fotos na praia com os bonecos”, conta. David Bonneville nasceu no Porto e vive em Londres. É realizador, guionista e já trabalhou em vários filmes como assistente de produção e realização.

Design, comunicação, história da arte... Muitas foram as áreas que pensou abraçar, mas bastou uma frequência mais assídua das salas de cinema para sentir o click: “É isto!”. Aos 18 anos apaixonou-se pela sétima arte. Chegava a ficar “duas sessões seguidas” nas salas. Nessa altura, ainda no Porto, integrou a primeira fornada do curso de Som e Imagem da Universidade Católica, que completou em quatro anos.



David Bonneville aprecia o lado “artístico, filosófico e existencialista” do cinema europeu

Usufruiu de uma bolsa Sócrates para estudos de Comunicação Audiovisual na Universidade Pompeu Fabra, em Espanha, e depois estagiou na produtora de Paulo Branco, a Madroga Filmes (hoje Clap Filmes).

O primeiro telefilme em que participa chama-se “Só Por Acaso”. Consegue depois um lugar como assistente de produção e, mais tarde, “assistente pessoal”

de Manoel de Oliveira, realizador por quem tem uma “imensa admiração”, confessa ao GRANDE PORTO.

Passou entretanto por Paris e quando regressou a Portugal recebeu um convite do realizador francês Henri Helman para um trabalho como terceiro assistente de realização no telefilme “Lag ardère”, rodado no nosso país. Por esta altura, David Bonne-

ville “já sabia como funcionava” um filme, mas a “grande aprendizagem” surgiu quando foi primeiro assistente de realização no filme “Nunca Estou Onde Pensas que Estou”, de Jorge Cramez. Esta tarefa foi “complicadíssima” e Bonneville explica porquê: “O realizador faz as escolhas criativas e técnicas e o primeiro assistente executa-as e faz com que tudo esteja preparado num de-

terminado tempo. Eu não dormi!”.

LONGA-METRAGEM

Seguindo a máxima de “olhar em frente” muda-se para Barcelona por um período, onde trabalha em traduções e como freelancer (assistente de produção e realização em publicidades e filmes de longa e curta duração). Trabalhou também numa distribuidora e em 2007 venceu o Progra-

PERFIL

DAVID BONNEVILLE

Nasceu no Porto. Licenciou-se em Som e Imagem na Universidade Católica. Mestrado em Argumento e Produção para Cinema e Televisão na Universidade de Westminster. Assistente de produção em cinema e publicidade. Autor de curtas-metragens e vídeos experimentais. Tem filmes exibidos em festivais nacionais e internacionais.

ma Criatividade e Criação Artística da Gulbenkian, realizando “Heiko”.

Em 2008 iniciou um mestrado em Argumento e Produção para Cinema e Televisão na Universidade de Westminster, em Londres. Como projecto final escreveu a primeira longa-metragem, de ficção científica, sobre “uma epidemia”. Será produzida nos EUA.

Pelo meio passou por Portugal para filmar “L’Arc-en-Ciel”, uma curta “mais complexa que Heiko, pedindo outros elementos e uma câmara mais fluida”. A história gira em torno de uma mulher de 40 anos que tenta “reviver a relação que tinha com o parceiro que morreu recentemente”, num de “luto extravagante”. Entre os trabalhos de Bonneville estão “Maquete” e “Photomaton” e “A Varanda”, exibidos em festivais nacionais e internacionais. David inspira-se na vida, nas suas “obsessões, observações, leituras e no estado do mundo”. Aprecia o cinema europeu, em geral “mais artístico, filosófico e existencialista”.